

Editorial



2005 é marcado, do ponto de vista da História Local, pelas Comemorações dos 820 anos do Foral atribuído ao concelho de Palmela por D. Afonso Henriques. O programa comemorativo tem início em Março, com o lançamento de uma obra alusiva às relações entre muçulmanos e cristãos no período medieval, temática de um passado que nos permite reflectir sobre os tempos actuais. Ao longo do ano, outras iniciativas permitirão descobrir as formas de organização do poder municipal em Palmela nos períodos medieval e moderno, tempos marcado pelos Forais de 1185 e 1512.

Estudar o Passado significa inscrevê-lo no nosso percurso social e identitário, para agir no Presente em consciência, preservando a Memória das pessoas e dos factos que marcarão o nosso Futuro. Assim, ao longo deste ano, diversas actividades permitirão não só redescobrir o concelho em tempos idos, mas também compreender como nos organizamos hoje, e mostrar em que sentido caminhamos.

A exposição *30 Anos de Abril no concelho de Palmela* apresenta uma perspectiva da história local recente, nas diversas áreas de trabalho tocadas pela mão de eleitos, trabalhadores e munícipes de Palmela. A promoção de práticas de Participação Cidadã é uma aposta desta autarquia, vocacionada para Todos os Munícipes, com particular preocupação com os mais jovens. Esta exposição alia, por isso, à linguagem “tradicional” expográfica, outros suportes de informação que visam motivar os mais jovens para a descoberta da história recente nacional e local.

Além das iniciativas que marcam 2005, e que se reflectem no presente **+museu**, cumpre-nos salientar três factos que marcaram positivamente o trabalho do Museu Municipal de Palmela em 2004, na perspectiva de Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania:

- a investigação sobre a história dos Bombeiros Voluntários de Palmela ao longo dos seus 67 anos de vida;
- o trabalho de parceria entre uma escola do nosso concelho e outra do município de S. Filipe (Cabo Verde).

Estes dois trabalhos, de natureza diferente, têm uma linha de acção comum: conhecer e dar a conhecer o concelho de Palmela e os homens e mulheres que o fazem e também aqueles com que se partilham projectos de desenvolvimento. Estamos a dar outros passos nesse sentido, com outros parceiros, através do Arquivo de Fontes Orais do concelho de Palmela, do Projecto de Investigação **Cultura Caramela** (do qual este número do boletim apresenta uma primeira abordagem), entre outros.

A atribuição do 1º lugar do Prémio da Qualidade do Distrito de Setúbal, à equipa do Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela, constituiu o terceiro facto de particular relevo em 2004. Esse Serviço é a face mais visível do Museu Municipal, pois constitui o meio privilegiado de divulgação do Património Cultural local, tendo como público-alvo até agora, em particular, a Comunidade Educativa. Com o reconhecimento do trabalho realizado há vários anos, sob uma clara visão e uma missão bem definida, esta equipa tem agora uma responsabilidade acrescida. As ofertas no campo da Educação Patrimonial são sujeitas à avaliação permanente por parte de todos os utentes (docentes, alunos e outros públicos), numa óptica de prestação de um serviço público de Qualidade, subordinadas ao princípio da Melhoria Contínua.

O Prémio é um desafio que nos propomos prosseguir, partilhando-o com quem nos visita. Contamos com a vossa presença e opinião crítica nas iniciativas do Museu Municipal ao longo de 2005!

A Presidente da Câmara

Ana Teresa Vicente



Memórias do Habitar



Arquitectura e Vivência Caramelas

(1ª parte)

O Património Cultural de um povo compreende as obras dos seus artistas, arquitectos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anónimas, surgidas da alma popular, e o conjunto de valores que dão sentido à vida, isto é, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo; a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a literatura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas¹.

A globalização, hoje elemento incontornável da sociedade em que vivemos, permite que a informação atravessasse fronteiras, tão rapidamente como um instante do olhar. Os novos meios de comunicação ganharam uma nova dimensão, porque em tempo real, a pessoa passou a ter acesso ao que se passa noutros locais do mundo, possibilitando uma partilha de conhecimento até hoje nunca vista. Todavia, este mundo global conduz também ao esquecimento. Se por um lado, parte da população intervem conscientemente no mundo que a rodeia, outros há que, pelos poucos meios de que dispõem, se remetem ao silêncio. E o que prevalece, é uma cultura de poder que homogeneiza a realidade, aniquilando a especificidade e diversidade do Património Cultural, arrastando-nos para um esquecimento colectivo sobre nós próprios.

Porque é o Património Cultural que revela a identidade de um povo, a sua especificidade, o seu ser, é imperativo que seja reconhecido, entendido, valorizado. Nesse sentido, o Museu Municipal de Palmela leva a cabo um conjunto de investigações, que tem, entre outros, um objectivo muito claro: contribuir para o conhecimento e valorização da identidade cultural da nossa região - uma corrida contra o tempo, contra o esquecimento.

O projecto **A cultura Caramela: Memórias do habitar e da vivência Caramela** é disso exemplo. Através de um estudo histórico e cultural exaustivo, o Museu pretende recuperar vidas, hábitos, sentires e compreender a importância do povo caramelo para a região, na presente etapa, no que diz respeito à sua arquitectura.

¹ In Definição elaborada pela Conferência Mundial da UNESCO sobre o Património Cultural, celebrada no México em 1982

Esta investigação, pela contemporaneidade do seu objecto de estudo, permite um contacto directo com as poucas pessoas que ainda recordam, com alguma nitidez, parte deste passado. Assim, é nosso objectivo dar voz aos que contribuíram e ainda contribuem para enriquecer, através das suas vidas, o nosso património cultural, numa viagem pelas suas memórias.

Os Caramelos

O acto de migrar redefine uma história.

(Ejackson, 1986)

Falemos primeiramente no presente, altura em que se assiste a um momento de apropriação da denominação “Caramelo”.

Pinhal Novo é a freguesia do concelho de Palmela que mais se desenvolveu nestas últimas décadas. Com uma história recente, toma hoje em dia a forma de um considerável núcleo urbano, com uma população jovem, descendente de migrantes originários de diversos locais como o Algarve, Alentejo e Beira Litoral. Este crescimento demográfico, em poucas décadas, transformou completamente o rosto do lugar. Imaginemos o nosso próprio rosto, se, em pouco mais de algumas semanas, apresentasse transformações tão evidentes. Se os olhos outrora castanhos ficassem azuis, o cabelo liso dê-se lugar a longos caracóis, os lábios ligeiramente finos, se tornassem volumosos... certamente nos sentiríamos perdidos perante o nosso novo eu desconhecido, e seríamos levados a parar por um momento para reflectir sobre a nossa identidade, procurando reencontrarmo-nos. É o que sucede em Pinhal Novo, obviamente que de uma forma muito mais complexa, nestes tempos de mudança apres-

sada, em que a identidade do lugar e a conquista do espaço social passa pela busca da sua origem, dos seus antepassados. Assim, para além da forte componente ferroviária, a cultura caramela assume-se actualmente como uma identidade colectiva de um grupo, sem a qual, o indivíduo se sente perdido, confuso.

Esta nova dinâmica é evidente até para os olhares mais distraídos, bastando visitar alguns eventos culturais da região para imediatamente sermos confrontados, de uma maneira sem igual na história deste povo, com a evocação permanente desta cultura caramela. Importa falar aqui na contribuição dos ranchos folclóricos, das associações culturais e dos estudiosos da região, que já há alguns anos tomaram consciência desta necessidade, tendo investido na recuperação das suas raízes culturais.

De Caramelos de ir-e-vir a Caramelos de Estar

Regressemos agora ao passado, falemos do povo da Beira Litoral.

Pinhal Novo, na segunda metade do século XIX, era um local despovoado, de grandes pinhais inférteis que alimentavam o gado da região e o mercado de lenha de Lisboa.

Quando José Maria dos Santos casou com D^a Maria Cândida, herdeira da propriedade de Rio Frio, iniciou o arroteamento das terras, tornando-as produtivas. Devido à extensão de terreno e à quantidade de trabalho necessário para tão grande tarefa, e tratando-se de um lugar desabitado, foi necessário recrutar grande quantidade de mão-de-obra vinda de outras paragens. Estes trabalhadores, que, nos locais de origem tinham grandes dificuldades económicas e poucas perspectivas de futuro, viam na migração, resposta para os seus problemas.

Na Beira Litoral², mais propriamente na zona da Gândara local de terreno arenoso, pouco fértil - existia já o hábito de migrar para outros locais a sul do Tejo³. Num complexo sistema de recrutamento, José Maria dos Santos tinha contratadores que percorriam as distantes aldeias da Beira, batendo de porta em porta para angariar possíveis trabalhadores. *“Ele [contratador] é que corria as terras, arranjar, falar com as pessoas. ... Atão andava já contratado por esta gente daqui de Rio Frio, do José Maria dos Santos, pra arranjar x de pessoas, eram cinquenta pessoas cada malta que trazia, era sempre cinquenta...”* (Belmira Marques).

Apenas com uma mala de madeira contendo duas mudas de roupa e alguns alimentos, os chamados caramelos de ir-e-vir - com o acesso facilitado desde a inauguração da linha férrea em 1861 - vinham trabalhar para Rio Frio por temporadas, chegando por altura da vindima e regressando à terra natal para festejar o S. João.

“Vim para cá com onze anos. Porque lá na nossa terra não havia trabalhos. O que se trabalhava lá era só pocadinhos de terra que cada qual tinha pra seu cultivo, pra viver, não é?, pra uma pessoa viver. E toda a gente vinha. Eu maiormente até nem tinha grande precisão de vir, porque eu até era filha única... acabei por vir eu sozinha muito pequenina... Porque vinha o rancho, aquelas maltas, chamavam as maltas, não era rancho, era as maltas de caldeira aberta que se chamava, que era de comerem nas caldeiras.” (Belmira Marques)

Eram tempos difíceis, em que crianças e adultos trabalhavam de sol a sol nos diversos trabalhos agrícolas necessários ao ciclo produtivo da grande herdade. *“Esses vinham ganhar - rapazitos com dez, onze, doze anitos - cinco escudos, cama e mesa. A cama era a malhada como a gente tínhamos e a mesa era um caldeirão grande (...) mistela, que era*

farinha de milho com hortaliça migada - comida prós porcos! - e algum feijão seco. Depois, faziam três filas, o caldeirão no meio, faziam três filas, chegava ali tirava uma colher de sopa, uma colher daquela mistela, metiam na boca e iam pá fila lá pa trás, quando chegassem a meter a segunda colher de sopa na boca, já a outra já não tava lá, já não existia. E ao jantar tinham então uma marmizinha. Iam ao caldeirão, tiravam prá sua marmita e cada um comia na sua marmizinha.” (Fernando Crespim)

Com uma fila de tarimbas⁴ de cada lado, a Casa da Malta ou malhada era o local onde os trabalhadores pernoitavam. *“Aqui em Rio Frio tinha o meu que era o das mulheres, e tinha dois dos homens... Esses rapazes que já eram, parece que era de quinze anos para cima iam pós homens, já não vinham junto com as mulheres. De quinze anos pa baixo é que andavam juntos com a gente... Dormiam no nosso quartel mas numa parte separados... Suponhamos que a casa tinha esta largura [13m²] aqui passava, era o corredor ao meio, prá li eram as tarimbas deles, que aquilo eram umas tarimbas assim no ar, não era camas!, eram tábuas todas pregadas todas seguidas. Aqui tinham um murozinho de madeira pá palha não cair e era em palha de arroz. Cada qual trazia a sua mantinha, o seu cobertor, ... pra dormir naquela palhinha e depois cada um ajeitava a caminha à sua maneira. Só que as pessoas que tinham habilidades de sacas, de sacas do arroz, fazíamos colchões e metíamos a palha lá dentro. Eu fiz isso... De duas sacas, descosia-as e depois fazia, mas nunca dormíamos uma rapariga sozinha, era às duas, na mesma cama, no mesmo colchão... A gente fazia o colchão, desmanchávamos a saca, fazíamos o colchão e depois púnhamos a palha lá pra dentro, e depois prontos, era aquela a nossa caminha, já tava limpa, já tava à nossa maneira.”* (Belmira Marques).

² A origem deste povo estende-se, basicamente, entre Aveiro e a zona sul de Leiria, nomeadamente: Mira, Cantanhede, Tocha, Cadima e Pombal.

³ Embora neste artigo nos reportemos apenas ao concelho de Palmela, António Fortuna encontrou, com a data de 1613, um registo na paróquia de S. Lourenço de Azeitão, que se refere ao baptismo de um caramelo. Também em 1791, o desembargador Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, natural de Azeitão, numa análise apresentada à Academia das Ciências, observou: *...o que mostra ser muito antigo o uso que ainda actualmente existe, de vir todos os anos estabelecer-se ali muitos homens da provincia da Beira que, acabados os trabalhos das vinhas, voltam os mais deles para a sua pátria.* (Fortuna, 1997). Estes documentos revelam que a migração do povo da beira litoral para o sul, tem origens antigas, sendo que, depois de Azeitão, foi o concelho da Moita o segundo local de destino e posteriormente, o concelho de Palmela.

Nesta busca de melhores condições de vida, estão subjacentes os sentimentos de esperança e de crença, pelo que Aníbal de Sousa encontrou no Círio da Carregueira (na romaria à N.ª Senhora da Atalaia) a mais antiga expressão associativa da região, que data de 1833.

⁴ Nestas estadias sazonais que duravam 9 meses, os migrantes dormiam em pequenos estrados de madeira cobertos por colchões de palha.

Era à noite, após o trabalho, que os trabalhadores se juntavam para conviverem, dedicando alguns dias da semana aos bailes. *“Umaz vezes eram a toque de realejo, aquelas gaitas-de-beiço, e outras vezes havia um acordeonista... A gente lá se ia divertindo (risos) ... [além da luz do lume] havia os candeeiros a petróleo, pendurados à porta do quartel, um em cada quina da porta...”* (Belmira Marques).

Este grande fluxo de migrantes e de trabalhos transformou, no início do século XX, Pinhal Novo no mais importante entroncamento ferroviário a sul do Tejo, local onde desembarcavam cerca de 12 433 toneladas de mercadorias, servindo 43 340 passageiros, e Rio Frio, na maior vinha do mundo.

Num país fortemente rural, e com desequilíbrios graves no que respeita à distribuição da riqueza, o visionário José Maria dos Santos, compreendendo a importância do apego à terra, impulsionou um sistema de foros, que permitiu que grande camada dos migrantes se fixasse nesta zona. Através do pagamento de uma renda fixa, os rendeiros adquiriam um terreno, construíam uma casa, plantavam uma horta, abriam um poço, tornando-se, após a sua morte, proprietários destas terras.

“A luta pela sobrevivência era a primeira preocupação dos trabalhadores temporários. Ser permanente era uma meta mas a grande ambição era possuir uma parcela de terra que pudesse assegurar uma vida de velhice mais tranquila.”

(Baptista, 1993)

Este constituiu um importante momento de viragem no desenvolvimento social da região. A partilha de terras, fez com que os trabalhadores, sujeitos às precárias condições de trabalho e de vida, se pudessem tornar eles próprios proprietários. E ser proprietário, é entrar numa nova dimensão do social, alcan-

çar um novo estatuto. A ligação à terra passa a ter um carácter mais forte e o indivíduo apropria-se do espaço, que passa a sentir como seu, transformando-o, construindo-o à sua imagem.

Deu-se início à colonização interna e os outrora caramelos de ir e vir, tornaram-se caramelos de ficar. Esta colonização teve mais expressividade em alguns locais do concelho, especialmente na zona rural que envolve a vila de Pinhal Novo: Carregueira, Fonte da Vaca, Venda do Alcaide, Palhota, Vale da Vila, Olhos d'Água, mas também Lagameças e Poceirão, onde existe uma rua que se denomina precisamente, Aceiro dos Caramelos. Mas, a migração humana não é um processo pacífico. A complexidade da mobilidade humana e a sua fixação num diferente território acarreta inúmeras reconfigurações, num confronto permanente entre um passado recente num lugar distante, e um presente que se constrói, mais do que nunca, a cada instante. Este processo obriga a que a identidade, produto das relações entre um povo e o espaço que habita, se redefina constantemente. Policarpo Lopes fala do *Homo mobilis*, que de forma consciente ou inconsciente, desenvolve estratégias de negociação com o objectivo de regular a bilateralidade de referências da nova dinâmica social. São estratégias que passam por um ajuste permanente, entre o que não se quer abdicar (as suas próprias referências identitárias), e os novos elementos que o indivíduo tem de assimilar para poder sobreviver socialmente. Desta dinâmica surge uma nova identidade, diferente da do local de origem, mas também distinta da que até aí existia no local de destino.

No concelho de Palmela, os caramelos são o exemplo por excelência desta forma de apropriação do espaço. O grande fluxo migratório e a posterior ocupação do território, permitiu que se tornassem agentes de mudança e contribuíssem decisivamente para a construção de parte do que somos. Apesar da denominação ter uma origem desconhecida⁵, a cultura caramela tomou forma e tor-

⁵ Os migrantes só passavam a ser caramelos, no momento em que chegavam à nossa região. Nos seus relatos dizem desconhecer completamente o que terá originado tal nome, e o mesmo sucede com os habitantes locais.

nou-se parte integrante da vida e da paisagem do concelho, contribuindo não apenas com factores ideológicos, mas também materialmente, ao fazer surgir novas construções que habitam o espaço, que é ele próprio, testemunho representativo desta evolução dos tempos. Pois os tijolos de barro que espriam nas brechas da cal, as telhas que persistem em olhar o céu, os fornos frios e silenciosos que sonham com o crepitar do lume e os loureiros que fazem sombra ao viajante que passa, testemunharam o início de um novo tempo, e são ainda hoje, marcas desta ocupação ordenada.

A casa caramela



Casa situada na Carregueira, freguesia de Pinhal Novo

**A imagem da casa
é o mapa dos locais da nossa
intimidade, uma espécie de
topologia que situa os vários
fragmentos da memória.**

(Gaston Bachelard)

O sentimento de pertença ao local é preponderante para o sucesso do processo de colonização. Para que este sentimento tenha lugar, é necessário não apenas estar, mas habitar verdadeiramente o espaço, o que compreende a existência de um lar, onde a

família partilhe as emoções do dia-a-dia. Assim, a casa tem uma importante função integradora na reconstrução da identidade, tornando-se, quando criada de raiz ou adaptada pelo migrante, uma representação simbólica da apropriação do território.

Estou convicta de que podemos falar de uma arquitectura tipicamente caramela, inexistente em qualquer outro local do país.

É sobre este tipo de habitação, que tratarei nas linhas que se seguem, numa descrição que aborda a sua estrutura, forma, interior, anexos, métodos e técnicas de construção. A casa Caramela inscreve-se no que João Cravo distingue por estilo Chã: simples e funcional, despida de ornamentos, fundamentalmente estrutural e estruturante. É uma casa térrea, elementar, de planta rectangular com reduzidas dimensões, e sobretudo, com um carácter funcional muito acentuado.

Toda a sua disposição estrutural resulta da necessidade do povo caramelo em facilitar e simplificar as tarefas quotidianas inerentes ao acto de habitar um espaço⁶. Pois a casa não era entendida como é hoje, um espaço de convívio, de estar e descansar. *“A vida vivia-se na rua os pais trabalhavam de sol a sol, as crianças que ainda não tinham idade para labourar, brincavam perto de casa esperando o regresso da família, e os bebés acompanhavam as mães para poderem ser amamentados. Outras [mães] traziam [bebés] num burrito e punham pedras dentro de um caixote e punham a criança dentro do outro....e a criança ó depois punham lá debaixo de uma cepa a dormir.”* (Benilde Lagarto)

Ora, a casa era apenas utilizada para as actividades elementares como dormir, confeccionar as refeições e desempenhar algumas actividades necessárias ao bem estar quotidiano, tal como costurar, secar a roupa para o dia seguinte - *“Entigamente a gente só tínhamos uma muda de roupa... E depois vinham muito suadas e muito sujas, lavavam num alguidarinho ou num tanque e ó depois punham assim numas cadeiras de volta do lume a enxugar, pó outro dia levar”* (ibidem) e fazer a limpeza do espaço, tarefas que cabiam exclusivamente à mulher.

⁶ Embora as parcas condições económicas pudessem, à primeira vista, servir de justificação para este tipo de construção simples e pobre, deparamo-nos com casas, em tudo idênticas, mas propriedade de famílias com alguma disponibilidade financeira. A única distinção prende-se com o número e dimensão dos anexos que compõem a fazenda, nomeadamente a adega, que sendo muito frequente, na maior parte das casas reduzia-se a um pequeno anexo, onde se fabricava vinho para consumo doméstico, enquanto que noutras, a sua dimensão demonstra a importância do monte para a região.



Mapa de distribuição da taipa e do adobe em Portugal

A própria matéria-prima traduz esta necessidade de facilitar a construção de uma habitação que dispensava requintes: a terra.

A arte de construir em terra é própria de locais onde existe escassez de pedra e representa uma das mais antigas formas de arquitectura, sendo também característica dos povos mediterrâneos, nos quais se insere o sul de Portugal.

Existem dois métodos/técnicas de construção: a taipa e o adobe. Falamos apenas no segundo, visto que é o método utilizado na

arquitectura caramela. Adobe, é uma palavra de origem árabe ou berbere que designa tijolos de terra crua preparados em moldes. São a base da arquitectura de grandes civilizações mundiais, tal como a Mesopotâmica e a Egípcia.

A escolha deste tipo de material, por parte dos migrantes vindos das beiras, deve-se a factores de ordem económica e cultural. Tratando-se de trabalhadores rurais com poucos bens económicos, José Maria dos Santos fornecia gratuitamente a matéria necessária à construção das habitações. Em determinados dias da semana, os rendeiros dirigiam-se à herdade de Rio Frio, onde pediam permissão ao patrão para recolher algum barro das suas terras.

Para além da disponibilidade deste material construtivo, a escolha de construir em adobes, é também fruto do próprio processo migratório. Ao observarmos o mapa da página anterior, percebermos que a taipa é a técnica de construção mais comum no sul de Portugal. Por outro lado, verificamos na Beira Litoral, nomeadamente no distrito de Viseu, a prática de construir em adobe.

A adopção desta técnica na região de Palmela representa assim, a materialização e objectivação de uma identidade, que, fruto da sua herança cultural, resultou numa habitação distinta das de mais, a que actualmente denominamos por casa caramela.

As medidas do tempo, do gesto e do movimento que regem as formas do espaço e que são razão simbólica ligada aos ritos e aos ritmos intemporais; eram as medidas do homem: o pé, o palmo, a braça...

(Alberto Alegria, 2000)

Não eram os colonos, que, sozinhos erguiam paredes e telhados. Em cada lugar existia pelo menos um homem que sabia a arte da construção. O “Mestre”⁷ possuía as características indispensáveis a esta profissão, porque entre outras, era corajoso, audacioso, habilidoso e rude. *“Era quase todos assim pessoas corajosas, pessoas arrojadas...ficavam sempre pessoas [importantes]. Naquela altura ficavam com o nome na história.”* (Joaquim Cavaleiro).

E era na Primavera, início do Verão, que os novos habitantes destas terras iniciavam a construção das suas habitações. Nos locais determinados por José Maria dos Santos, eram abertos grandes buracos, os covados ou alagoas, onde o Mestre, com a colaboração dos colonos, extraía a terra. A técnica consistia em retirar o barro ao nível abaixo da terra arável, onde, pela sua composição, tinha uma maior plasticidade e compressibilidade, permitindo que se moldasse facil-



Aspecto da disposição dos adobes

⁷ Nomes de alguns dos antigos mestres das zonas de Venda do alcaide, Palhota e Vale da Vila: José Bernardo Cavaleiro, Angelo António da Silva Cavaleiro, Lagarto, Zé Maneta, Braço Forte.



mente. Depois, com a ajuda de uma enxada que regulava o volume de água, era amassado com os pés, tarefa na qual as crianças também participavam, sendo que habitualmente, se juntava à massa areia ou palha para que ganhasse maior consistência e evitasse rachar, durante a cozedura ao sol. A massa era colocada em formas rectangulares de madeira, o adobeiro ou adobela, com cerca de 55cm de comprimento, 40cm de largura e 25cm de altura, e rasada na parte superior para que ficasse completamente lisa e tomasse a forma de um paralelepípedo. Depois, por meio de umas pegas laterais, era desenformada e colocada em várias fileiras, no terreno aplanado, permanecendo a secar ao sol entre oito a quinze dias.

Os adobes já secos eram colocados nas carretas⁸ e transportados para o local de construção, onde, no ponto mais alto do terreno, se tinha iniciado a abertura dos caboucos que, por vezes, consistia apenas numa pequena cavidade na terra.

O mestre, homem corajoso capaz de desafiar a lei da gravidade e com uma destreza própria de quem não teme, erguia as paredes, colocando os adobes em fiadas, com as juntas verticais desencontradas, processo semelhante à construção com tijolos.

No pinhal, dois serradores encarregavam-se de cortar as madeiras necessárias para a cobertura da construção. Com a ajuda de uma burra de serrar, feita a partir da cabeça do pinheiro, iam cortando os barotes, as ripas, as varas e as traves, que os proprietários iam buscar para que o mestre, também carpinteiro, pudesse colocar a estrutura do telhado. A madeira era também utilizada para as divisórias dos compartimentos interiores e para as portas e postigos das janelas. O res-

tante material utilizado na construção era comprado em diversos locais da região: a telha de canudo, assim chamada por ter a forma de meia cana, era adquirida no forno do Montijo, as ferragens na drogaria em Pinhal Novo e a cal em pó num armazém que existia na Volta da Pedra, junto à entrada da vila de Palmela.

A construção em terra, requer alguns cuidados no que diz respeito à sua conservação, assim, após a estrutura da casa estar completa, rebocavam-se as paredes com uma camada de argamassa de forma a torná-las lisas e regulares e caiavam-se para que ficassem protegidas das chuvas. Os beirados ligeiramente salientes tinham também esta função de protecção contra as agressões do tempo.

Sujeitos à grande pressão da cobertura, as casas tendiam a abaular. Para impedir esse efeito, durante a construção eram colocadas ferragens - gatos de ferro, pés-de-galinha ou cruzetas - presas à extremidade da viga com o objectivo de sustentar a parede. Mais tarde, a pressão contínua, obrigava também a que se erguessem gigantes ou contrafortes, pesadas estruturas de alvenaria, e que habitualmente suportam as paredes laterais e/ou traseiras da casa.

No final deste processo, que durava sensivelmente dois meses, resulta uma casa de planta rectangular com linhas direitas, telhado de duas águas, corpo vestido de cal e algumas, com uma barra de cor - azul, cinza, amarela - na base junto ao solo e em volta dos vãos.

(a 2ª parte deste artigo será publicada no nº **+museu5**, Maio 2005)

Teresa Sampaio
Antropóloga, Museu Municipal de Palmela

⁸ Este processo podia ter a ordem inversa, pois era também comum que o barro extraído fosse imediatamente transportado para o local de construção, sendo aí que se procedia ao amassadoiro.

A necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo

breve resenha historiográfica

O conhecimento actual sobre os testemunhos arqueológicos existentes no concelho de Palmela resultou de um vasto período de investigação cujo o início remonta aos finais do século XIX e se prolonga até aos nossos dias.

O desenvolvimento da arqueologia como ciência autónoma, durante o século XIX, revela-nos nomes como o de Carlos Ribeiro, cuja actividade pioneira possibilitou a descoberta de estações arqueológicas de excepional importância e a publicação dos primeiros estudos de arqueologia em Portugal. Em 1866, Carlos Ribeiro inicia o reconhecimento científico da região da Arrábida com a primeira exploração dos hipogeus de Quinta do Anjo. Numa segunda fase da investigação arqueológica da região surge António Marques da Costa, investigador que identificou e escavou importantes estações arqueológicas, entre as quais os citados hipogeus, publicando os resultados das intervenções de 1902 a 1910, no “O Archeólogo Português”¹.



Localização dos hipogeus da Quinta do Anjo (CMP à escala 1:25000, folha 454)

Depois da intervenção de Carlos Ribeiro nas Grutas da Quinta do Anjo, seguiu-se, em 1878, uma segunda campanha pelos amadores A. Mendes e Agostinho da Silva, sob orientação de Carlos Ribeiro. A publicação destes estudos é significativa, mesmo tendo em conta as falhas metodológicas e os limitados conhecimentos da época.

A exploração e o estudo da necrópole, para além de Carlos Ribeiro e de A. M. da Costa, destaca autores como Vera Leisner; Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira. Mais tarde, em 1961 a equipa de V. Leisner, compila toda a informação disponível das escavações e dos materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia e nos Serviços Geológicos de Portugal para publicação monográfica², que obedecia a metodologias actualizadas e maior rigor científico, permitindo um registo completo e exaustivo dos artefactos.

No relatório de escavações de A. Mendes ficaram registadas em pormenor as descrições arquitectónicas do monumento, as condições da jazida e o principal espólio encontrado. A. Mendes detectou ainda intervenções anteriores nos hipogeus 1 e 2. Também V. Leisner colocou a hipótese de as primeiras escavações terem sido realizadas por Nery Delgado e Pereira da Costa, com base num pacote de materiais, oferecidos ao Museu Nacional de Arqueologia (Leisner *et al.*, 1961, p. 22). Ainda no relatório de A. Mendes é referido que as sepulturas 3 e 4 estavam parcialmente destruídas devido à exploração da pedreira.

A origem da necrópole é hoje situada no

¹ (Costa, 1902; 1903; 1904; 1905; 1906; 1907; 1908; 1909, 1910).

² (Leisner *et al.*, 1961).

Neolítico Final (há c. 5300 anos) com ocupação contínua até ao Calcolítico (há c. 3700 anos). É composta por um conjunto de quatro sepulcros escavados nos calcários miocénicos. Refira-se que Leite de Vasconcelos, já em 1897, se interrogava sobre a prática simultânea de inumações funerárias em grutas artificiais e naturais nesta região.

M. da Costa, em 1906, retoma as escavações da necrópole, ao verificar que as escavações efectuadas por A. Mendes não tinham sido concluídas (nas antecâmaras e corredores), publicando os resultados no “O Arqueólogo Português” (Costa, 1907-1910).

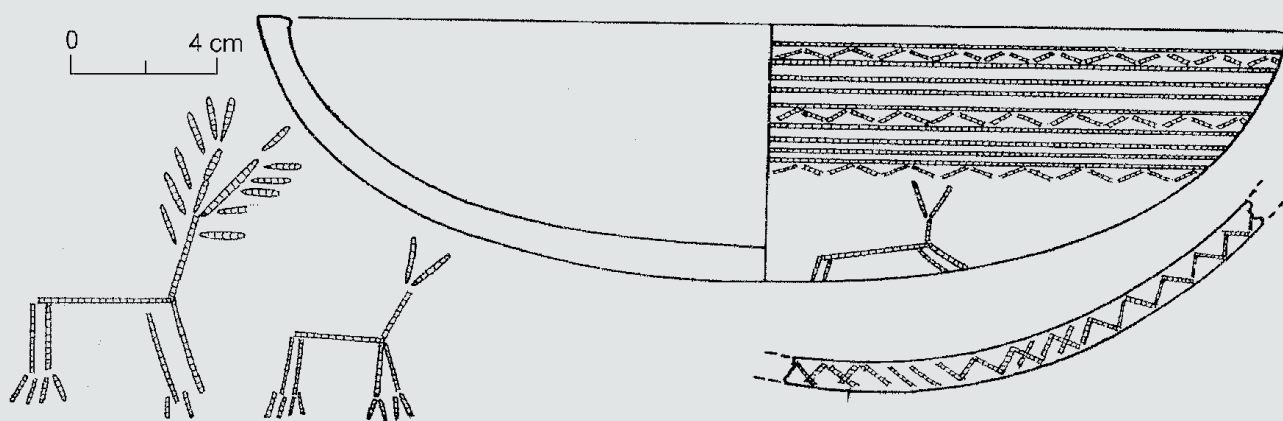
V. Leisner dedica especial atenção aos hipogeus, publicando em 1965, a obra *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, catálogo exaustivo dos materiais arqueológicos da necrópole de Quinta do Anjo.

A colecção de Manuel Heleno, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, foi reunida e publicada em 1977, por M. Horta Pereira e T. Bubner, onde se apresenta a taça tipo *Palmela* decorada com cervídeos.

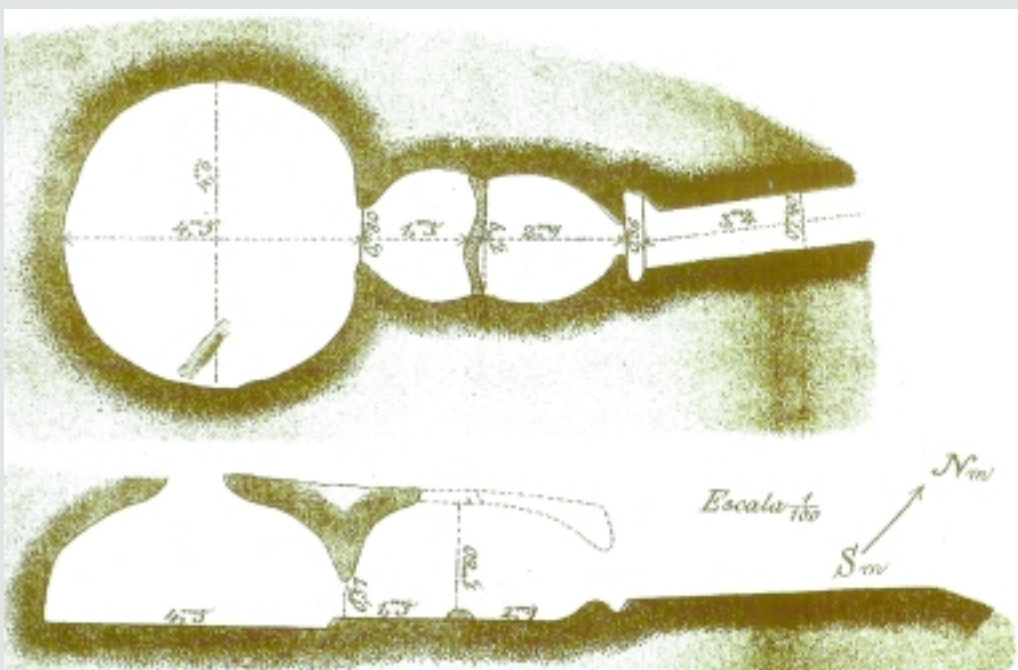
O início da década de 60 traz uma outra dinâmica à investigação, através de uma nova geração de arqueólogos, como Carlos Tavares da Silva e Vítor Gonçalves. A partir de 1966 dedicam-se ao estudo de alguns sítios arqueológicos da região, em colaboração com Joaquina Soares (década de 70), possibilitando a identificação, escavação e realização de projectos de investigação arqueológica sobre sítios pré e proto-históricos no concelho. Os mesmos autores desenvolvem paralelamente o estudo e publicação de antigas colecções, como por exemplo, o espólio recuperado por Marques da Costa (Soares, 2003).

Apesar da sua importância, o valor patrimonial da necrópole só viria a ser reconhecido em 1934 (Decreto-Lei nº 23740/34).

Do ponto de vista arquitectónico a necrópole é composta por quatro hipogeus com topo aplanado, câmara sub-circular dotada de abóbada com clarabóia superior central, antecâmara de planta oval e corredor estreito com sentido descendente para a entrada da câmara.



Taça campaniforme pontilhada e linear-pontilhada, “Tipo Palmela” com representação de cervídeos (Pereira e Bubner, 1974-77)



Hipogeu 2. Planta e corte, segundo A.I. Marques da Costa, 1907

Do espólio identificado, do Neolítico Final, salienta-se a presença de micrólitos, alguns machados, enxós aplanados e placas de xisto. Da ocupação do Calcolítico encontramos uma variedade de artefactos de carácter mágico-simbólico que reflectem a sacralidade dos hipogeus, bem como o prestigiado estatuto social da comunidade que os utilizava. Destes artefactos destacamos os recipientes em calcário e os ídolos-cilindro.

É com o horizonte campaniforme que surge o auge da ocupação, com toda a sua riqueza cultural, de que se destacam os vasos campaniformes e as taças *tipo Palmela* (taças de lábio aplanado e decoração ponteadada), os botões em forma de tartaruga ou com perfuração em V, as pontas tipo Palmela e os objectos de adorno em ouro e materiais exóticos, reveladores de um activo comércio com o Mediterrâneo.

A intensa e sucessiva reutilização deste espaço funerário, com toda a sua complexidade interpretativa, poderá relacionar-se o simbolismo inter-geracional da necrópole enquanto local sagrado, de cariz mágico-simbólico, como defende Joaquina Soares (Soares, 2003).

Michelle Santos
Arqueóloga, colaboradora
do Museu Municipal de Palmela

Bibliografia

CARDOSO, J. L. – **Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida.** Trabalhos de Arqueologia 14, IPA 1998, pp. 45-70.

COSTA, A. I. MARQUES da – **Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Grutas sepulchrais da Quinta do Anjo.** O Archeólogo Português, VII-XV, 1903-1910.

FERREIRA, O. da V. – **La Culture du vase campaniforme au Portugal;** Memória, 12, N. S. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1966.

GONÇALVES, V. S. – **Sítios, “horizontes” e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas.** Câmara Municipal de Cascais, 1995.

LEISNER, V. – **Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen.** Berlin: Walter de Gruyter & CO, 1965.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. – **Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme;** Memória 8, Nova Série. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1961.

SILVA, C. T. da; SOARES J. – **Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996.** Estudos Orientais (Homenagem ao professor A. A. Tavares). Lisboa. 6, 1997, pp. 33-66.

SOARES, J. – **Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico.** Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal, 2003.

Serviço Educativo do Museu Municipal

Balanço do ano lectivo 2003/2004



Mais um ano lectivo e cá estamos cheios de entusiasmo e confiança, para dar seguimento às actividades realizadas com os alunos do nosso concelho.

Este entusiasmo deve-se à certeza de que estamos a traçar um caminho de sucesso, já que a adesão das escolas às nossas ofertas tem vindo a crescer substancialmente. Para este percurso, contribuíram de forma decisiva as estratégias que a equipa do SE desenvolveu:

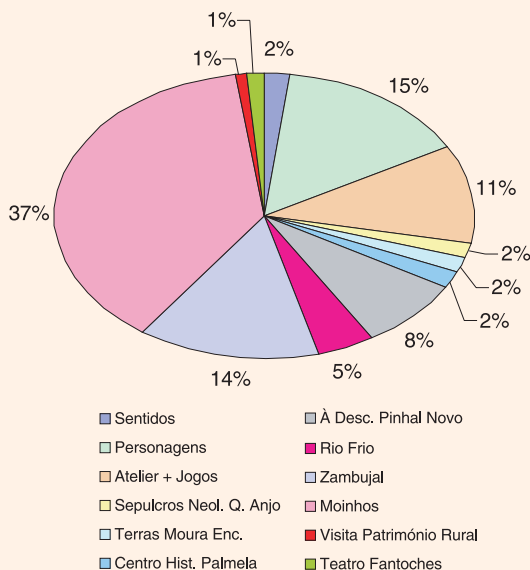
- a **divulgação** das nossas ofertas, que não passa unicamente pelo formato de papel – como o Caderno de Recursos, ou este próprio boletim –, mas também por uma divulgação presencial nas primeiras reuniões de professores de todas as instituições de ensino de 1º Ciclo do concelho de Palmela;
- a permanente **diversificação** das ofertas que permite ir ao encontro das necessidades evidenciadas pela comunidade educativa, quer através de contactos informais, quer sobretudo nas sugestões e observações que registam nos diversos questionários de **avaliação**.

Na nossa acção, apesar de recebermos visitantes de vários pontos do país, é para a comunidade educativa do concelho que orientamos todas as nossas ofertas, mantendo, até à data, uma relação privilegiada com o 1º Ciclo. Assim, estamos confiantes que contribuímos para que o património cultural seja valorizado e que a partilha de experiências gere, no futuro, cidadãos cada vez

mais conscientes, interventivos e integrados na comunidade envolvente.

Pretendendo ir cada vez mais e melhor ao encontro do nosso público, apresentamos nas linhas que se seguem o balanço da nossa acção no ano lectivo anterior. A análise destes resultados permite-nos retirar conclusões, para que possamos adequar as nossas práticas no sentido da Melhoria Contínua.

Distribuição de Actividades 2003/04



Através da leitura do gráfico “Distribuição de actividades”, constatamos que no ano lectivo 2003/2004, se verificou um maior número de visitas às actividades que integraram o projecto proposto pelo SE para esse ano: “Educar para uma Alimentação Saudável”, nomeadamente a visita aos *Moinhos Vivos da Serra do Louro* (37%) e à *Herdade do Zambujal* (14%). Estes dados permitem con-

¹ Vd. “Projecto Educar para uma Alimentação Saudável”, + *Museu 2*, Boletim do Museu Municipal de Palmela, Novembro, 2003, Separata, pp. 10 a 12.

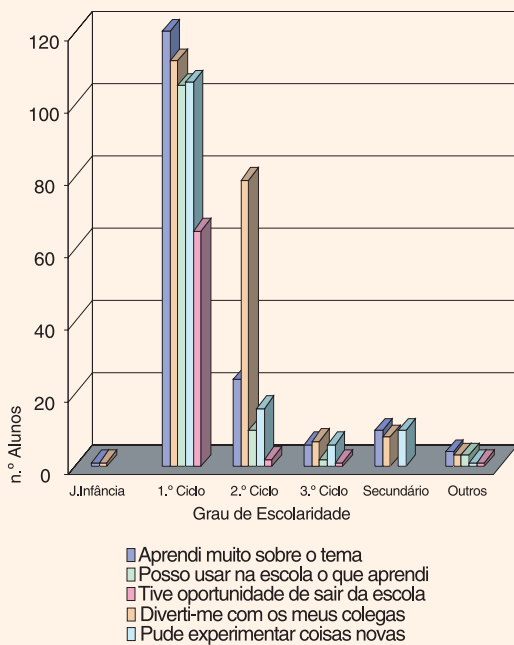
cluir que o trabalho de projecto origina um maior dinamismo na relação SE/Escola. Para além da “Visita ao Castelo contada por ilustres personagens”, que teve uma adesão de 15%, também a deslocação da equipa do SE às escolas, através da actividade “O Museu vai à Escola” (11%) é muito solicitada. Esta actividade permite que o Museu, através do SE, seja cada vez mais uma presença no processo de aprendizagem das nossas crianças.

Importa avaliar...

Não importa realizar actividades, sem ter dados que permitam avaliar, quer o seu impacto junto do público, quer o cumprimento dos seus objectivos. Assim, neste ano lectivo transacto, para além dos já habituais questionários de avaliação para alunos e professores utilizados no final de cada actividade, utilizámos pela primeira vez avaliação intermédia e final de projecto, junto de todas as escolas que aderiram ao projecto “Educar para uma Alimentação Saudável”.

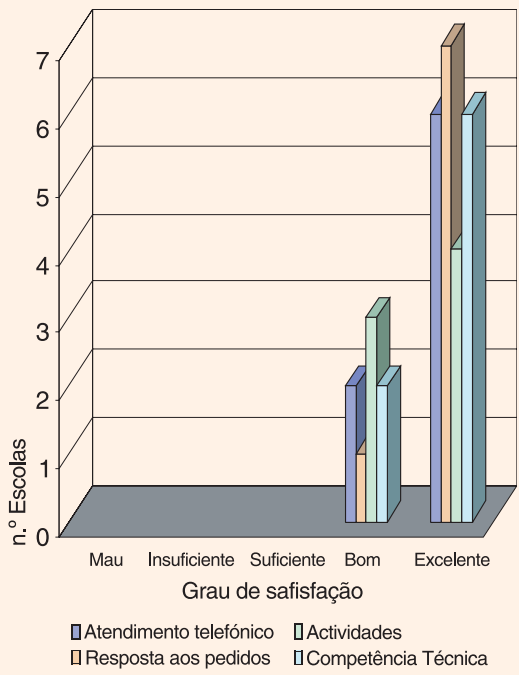
O gráfico seguinte sintetiza os resultados apurados nas fichas de avaliação por actividade, preenchida pelos alunos dos diferentes níveis de ensino.

Considereei a actividade importante porque...



Da análise das respostas dos alunos pensamos poder concluir que todas as actividades que oferecemos têm um forte carácter lúdico-pedagógico, permitindo que os alunos simultaneamente aprendam e se divirtam. O gráfico “Avaliação final do apoio prestado pelo SE à Escola” representa a súmula das respostas dadas por parte dos professores relativamente ao serviço prestado por esta instituição pública às escolas do concelho ao longo do ano.

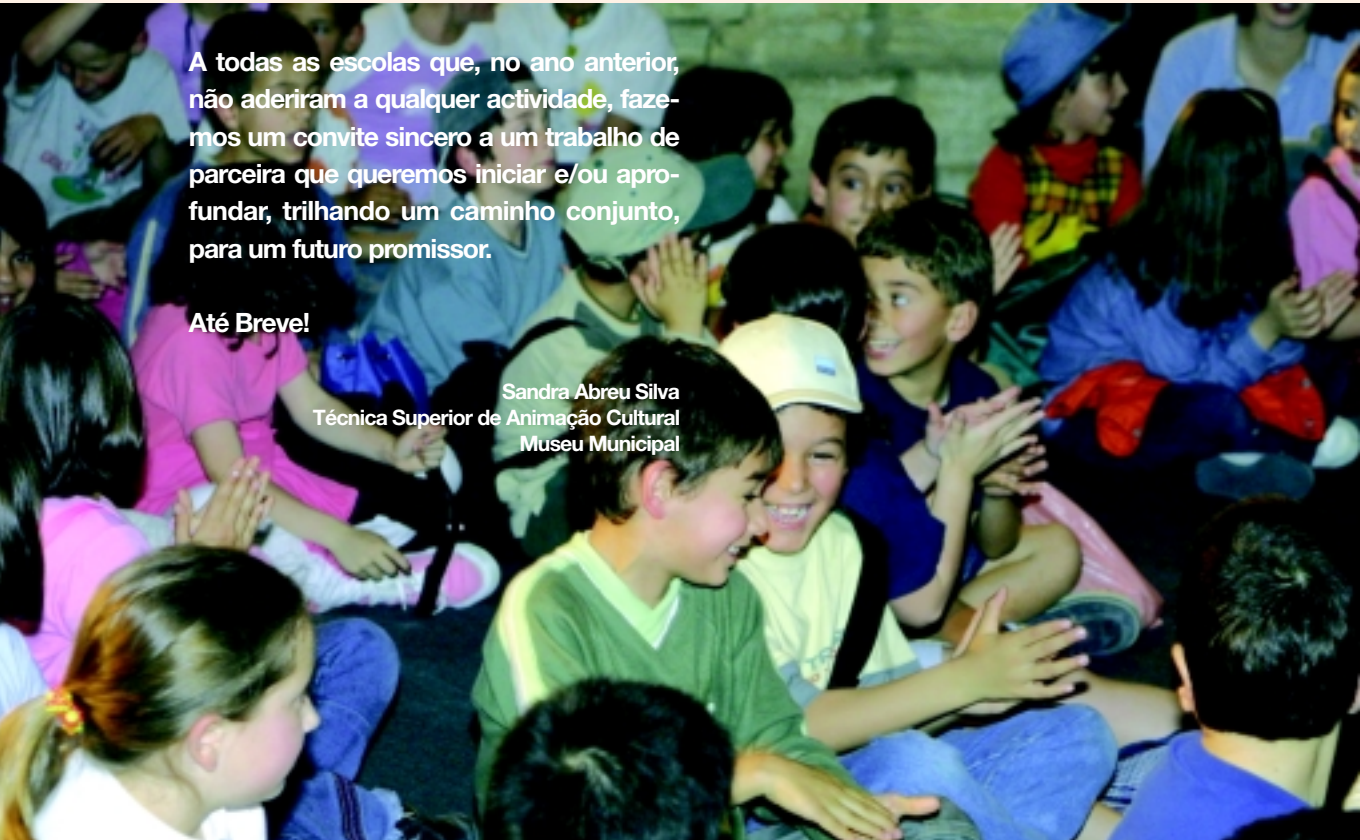
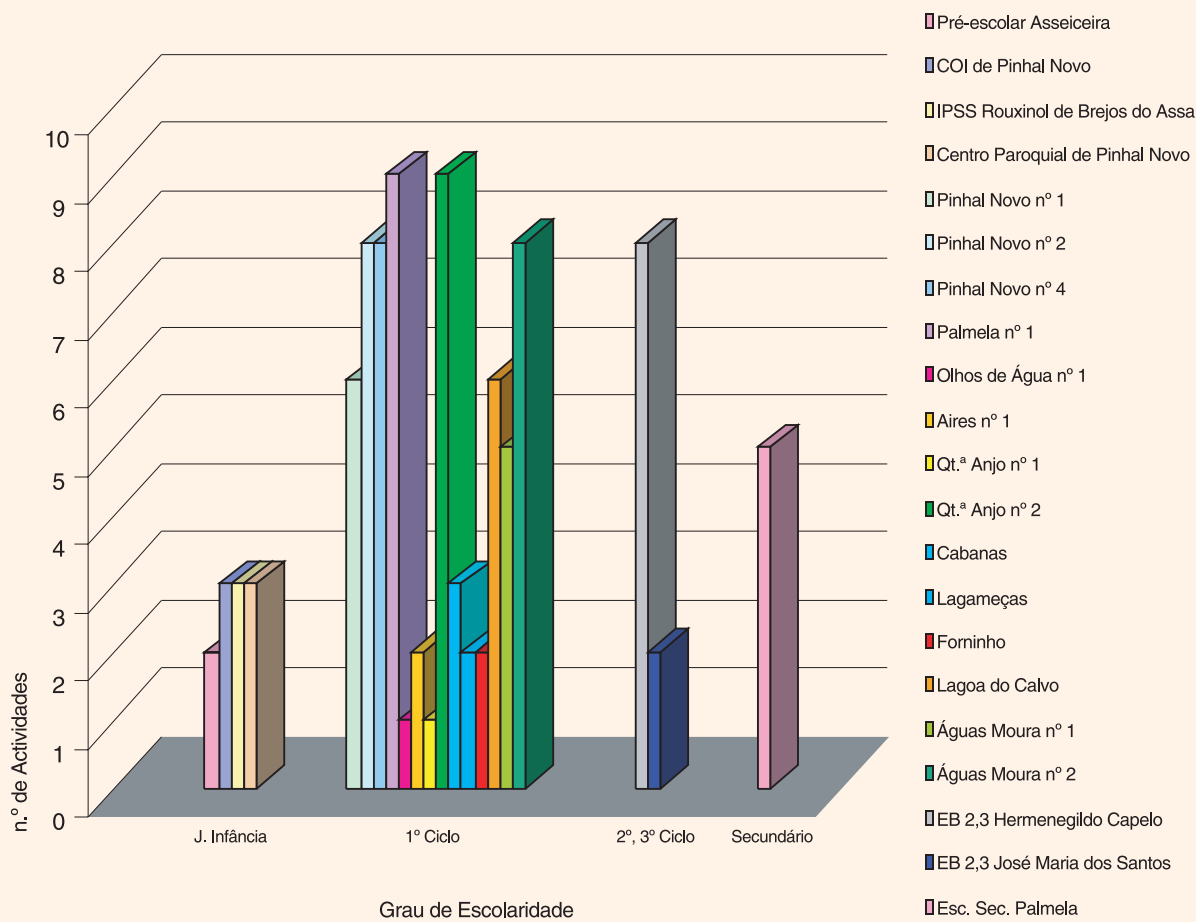
Avaliação final do apoio prestado pelo Serviço Educativo à Escola



Destacamos no gráfico seguinte, como forma de reconhecimento, todas as escolas do concelho que participaram nas actividades do SE, pois a sua presença é imprescindível para a divulgação, valorização e preservação do património concelhio.

Num universo de 6 293 alunos no concelho, distribuídos por 257 no Pré-Escolar, 2 297 no 1º Ciclo, 2 425 no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e 1 314 no Ensino Secundário, o SE recebeu um total de 5 539 alunos; alguns estabelecimentos de ensino recorreram às nossas ofertas mais do que duas vezes ao longo do ano.

Participação das instituições Educativas do concelho nas actividades do Serviço Educativo



A todas as escolas que, no ano anterior, não aderiram a qualquer actividade, fazemos um convite sincero a um trabalho de parceira que queremos iniciar e/ou aprofundar, trilhando um caminho conjunto, para um futuro promissor.

Até Breve!

Sandra Abreu Silva
Técnica Superior de Animação Cultural
Museu Municipal



Nos bastidores...

Palmela/S. Filipe:

Conhecer, Entender, Cooperar

Um projecto de Educação para o Desenvolvimento

O Projecto: Conhecer, Entender, Cooperar

Este projecto nasceu da união entre a Escola Básica 2,3 Hermenegildo Capelo (turma 6º B), a Escola de Patim – do município de S. Filipe, com o qual Palmela desenvolve actividades de cooperação desde 1996, na Ilha do Fogo (Cabo Verde)¹ – e o Museu Municipal de Palmela. Quisemos compreender esta cooperação e juntos derrubamos fronteiras e construimos pontes partindo à descoberta do Mundo, de Nós e do Outro. Neste caminho partilhamos palavras, rostos, sorrisos, olhares e a alegria do Encontro. Procuramos Conhecer e Entender, acreditando que, assim, Cooperamos melhor.

Foi nossa intenção que os alunos desenvolvessem as seguintes competências:

- Conhecer a si próprio e aos outros;
- Conhecer o seu património cultural local e o dos outros;
- Reflectir criticamente sobre a diversidade cultural;
- Fomentar um espaço de diálogo entre culturas distintas.

Assim, através de dinâmicas distintas, em sala de aula, bem como fora dela:

- Reflectimos sobre o Mundo e as características dos continentes no que diz respeito aos índices de população, à riqueza e à escolaridade, confrontando-nos com as injustiças e percebendo a urgência da cooperação internacional;
- Visitamos o património local, partindo à descoberta de **Nós**;
- Exploramos imagens da Ilha do Fogo, partindo à descoberta do **Outro**;
- Partilhamos com os alunos de Patim cartas e fotografias, descobrindo o que somos nós e o outro, **Juntos**.
- Por fim, cada um encontrou as razões que para si justificam a cooperação, assim como as acções que entendemos deverem ser realizadas para minorar as desigualdades e as injustiças entre as nações e registou-as em pequenos pedaços de papel. As razões, todas juntas, formaram um tronco, representando que a base, a raiz, de qualquer cooperação deverá residir sempre na reflexão, no entendimento e no respeito. As acções reunimo-las numa

¹Através da Divisão de Apoio aos Órgãos Municipais/Cooperação Internacional.

grande copa, como frutos necessários e naturais da nossa cidadania activa e responsável. Construímos uma árvore, a árvore da cooperação, que todos pretendemos que não pare de crescer.

Estando próximo o final do ano lectivo, e para concluir este projecto, os alunos do 6º B reuniram todos os materiais produzidos e conceberam uma exposição, através da qual, partilharam com toda a comunidade escolar as actividades desenvolvidas ao longo do ano. Inaugurada no dia 18 de Julho, contou com animação musical realizada não só pelos alunos responsáveis por este projecto, mas também pelas danças do *Clube Amigos de Todas as Cores* da Escola EB 2, 3 José Maria dos Santos de Pinhal Novo, bem como por Celina Pereira, cantora e contadora de histórias de Cabo-Verde.

A respeito do trabalho desenvolvido ao longo do ano a Professora Antonieta Gonçalves (Directora da turma 6º B, responsável pelo projecto) afirmou: *“Os alunos do 6º B surpreenderam-me: com a curiosidade, empenho (sobretudo com a pesquisa muito intensa), e o interesse em descobrir o amigo.”*

A Iris disse: *“O que eu mais gostei neste projecto foi conhecer o meu correspondente o Evandro”*. A Susana Piteira *“gostaria que todos ajudássemos para que a educação em Cabo Verde evoluísse.”* E, a Patrícia Alexandra *“gostaria que fosse feito, no âmbito da Cooperação, um jogo através da Internet com os amigos de Cabo-Verde; e se mandasse no mundo ajudava todos os países ricos a ajudarem os países desfavorecidos”*.

O Museu e a Educação para o Desenvolvimento

Em 1974, a Assembleia-Geral da UNESCO aprovou uma resolução na qual se diz que “Educação para o Desenvolvimento é a educação para a compreensão, a paz, a cooperação internacionais e a educação relativa aos direitos do homem e às liberdades fundamentais”.

A **Educação para o Desenvolvimento** visa a mudança, a transformação do mundo em que vivemos, que hoje é o planeta e todo o espaço que o envolve.

De acordo com a Declaração decorrente da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), o conceito de acção dos museus foi alterado no sentido do Museu Integral “destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Com este novo conceito de museu, a instituição passa a ser entendida enquanto instrumento de mudança social, enquanto instrumento para o desenvolvimento e enquanto acção. Passando assim a trabalhar com a perspectiva de património global”. É com base neste conceito de acção do museu que pretendemos inserir este projecto de valorização da cultura imaterial e, sobretudo a valorização dos indivíduos enquanto membros de uma comunidade através do conhecimento de si próprios e do conhecimento/entendimento dos outros. É um projecto de recuperação das raízes identitárias e culturais desta comunidade, partindo de cada um para o conhecimento e aceitação da diferença.

Para o futuro...

... Pretendemos continuar a:

Conhecer, envolvendo um maior número de alunos e professores, bem como a restante comunidade;

Entender, promovendo o diálogo entre o passado e o presente, para perspectivar o futuro;

Cooperar, através da partilha de vidas, valores e esperanças.

Queremos Educar para o Desenvolvimento, apostando na formação para a Compreensão, a Paz, a Cooperação Internacional, os Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais.

Cristina Vinagre Alves
Cristina dos Reis Prata
Teresa Sampaio

Técnicas Superiores do Museu Municipal de Palmela

Museu

Missão Salvar

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Palmela 1937-2004

Aos Bombeiros Voluntários cabe a tarefa de combater incêndios e socorrer populações, de forma gratuita e desinteressada. Essa tem sido a missão que os Bombeiros Voluntários de Palmela têm assumido em cada um dos aniversários que cumpre no mês de Novembro.

1937-1969

Conquista de uma vontade: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Palmela

A Associação Humanitária dos Bombeiros de Palmela é fundada no dia 11 de Novembro de 1937 e na sua Comissão Organizadora encontramos Mário Augusto dos Santos, Xavier Santana, Pedro Augusto da Fonseca, Mário Rodrigues de Oliveira e António Xavier da Silva Barrocas.

A primeira sede localiza-se na ala central do edifício da Escola do Largo S. João, mas como esse espaço ainda não se encontra concluído e não reúne as condições necessárias para tal instalação, a Câmara Municipal cede aos Bombeiros Voluntários de Palmela, uma garagem dentro do pátio da Abegoaria Municipal. Aí instalados, com bastante dedicação e perseverança, organizam campanhas de angariação de fundos e sócios, adquirem viaturas, trabalham e sonham... com uma nova sede. A este respeito Joaquim Barrocas escreve, “*todos criticam e falam porque são sempre os mesmos directores. Ainda há semanas se fizeram convocações (...). Não apareceu nem um associado (...). Vejamos a obra*

dos Bombeiros de Palmela nestes últimos tempos. Comparemo-la com as ajudas? Serão ou não serão os Bombeiros de Palmela dignos de mais respeito e ajuda, uma vez que têm apenas pouco mais de duas centenas de sócios, a maior parte com quotas de dez tostões?!!! Já que não possuem ordenados nem gratificações que fiquem ao menos com a consolação de ser respeitados e ajudados por todos (...). Só assim será possível a realização do seu sonho que é a construção dum quartel, pois a casa onde estão instalados não reúne as condições necessárias”¹.



Almoço de confraternização do 29º aniversário, 1966
Junto ao Auto Pronto-Socorro 01, e segurando o estandarte da associação (da esquerda para a direita): Feliciano Guerreiro, Isidro Serrano, Dário Cardoso, Vítor “Renega”, Eduardo da Claudina, Agostinho Oliveira, José Cardoso, Virgílio Carmo Aredes, Leonídio Batalha e filha do Director Octávio Moura

¹Joaquim Barrocas, in *Distrito de Setúbal*, 6 de Março, 1961

1970-1989 - Realização de um sonho: Um Novo Quartel

A construção de uma nova sede é a grande prioridade. Chamam-se sócios, procura-se terreno, conta-se com a generosidade da comunidade. Segundo João Luís Camolas *“a associação dos Bombeiros era, de facto, muito pobre (...) em viaturas e em instalações. Era rica (...) em material humano, isso felizmente foi sempre rica (...). Éramos rapazes na força da vida, eu tinha quarenta e poucos anos, outros mais novos, outros mais velhos e queríamos dar um empurrão aos Bombeiros (...) Havia uma maquete do actual quartel sempre à nossa vista (...). Houve uma direcção anterior que tinha feito um projecto (...) mas por diversos motivos não levou por diante”*².

Em 1979, aproveitando a herança da direcção anterior e potenciando as vontades de todos quantos desejam ver construído um novo quartel é possível, finalmente, lançar a 1ª pedra.



João Luís Camolas deposita junto à primeira pedra um pergaminho onde constam os nomes dos elementos da actual direcção.

E, em 1981, cumpre-se o sonho: a 11 de Julho é inaugurada a nova sede e recompensado o trabalho de todos quantos acreditam neste grande projecto.



O Presidente da República General Ramalho Eanes e o Comandante José João Torcato passam revista à formatura.

1990-2004 – Missão: Melhor Equipamento, Melhor Resposta

São tempos de investimento em formação e equipamento: é necessário melhorar as condições de capacidade de resposta na prestação de serviços, a uma comunidade em franco desenvolvimento.



Inauguração da nova ambulância INEM, 2003
Da esquerda para a direita, em cima: João Pila, Eduardo Martins, Pedro Ramos, Tiago Carvalho, Rafael Ferreira e Mário Cruz.
Da esquerda para a direita, em baixo: Alexandre Lopes, Paulo Rola, Pedro Casimiro, Francisco Dotes, Ricardo Marques, Hugo Velez, António Canato, Gonçalo Velez e José Cascarrinho.

² Entrevista de João Luís Camolas e Silva, 68 anos, Presidente da Direcção da A.H.B.V. Palmela, a Cristina Prata/Lúcio Rabão, Museu Municipal, Abril 2004



Hoje, quem visita o quartel encontra, não só a dinâmica e optimismo da resposta cada vez mais pronta e eficaz a todas as solicitações, mas também o rosto e a memória de quem, com amor e perseverança, ajuda a construir esta associação. Manuel Mares, lembra: *“Aprendi aqui a respeitar as pessoas mais idosas, a conviver com elas todas, a respeitá-las (...). Os bombeiros são, para mim, o que de mais sublime a humanidade tem (...). Aqui se viveram horas de alegria e horas de tristeza, para mim isto é uma 2ª casa (...).”*³.

O Passado: um património a preservar

Segundo o presidente da direcção Octávio Machado e do seu comandante Manuel Simões Baptista, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Palmela pretende *“dar à guarda do Arquivo Municipal os documentos que se considerem mais importantes, para que não se percam no tempo. Por outro lado, captar a história de viva voz, daqueles fundadores que felizmente ainda se encontram entre nós (...). Ao abraçar esta “causa” temos a consciência de que vamos*

permitir aos vindouros, a compreensão do passado de forma a melhor poderem projectar o futuro, engrandecendo sempre mais aquilo que afinal já nasceu com grande prestígio e dignidade.”

Neste sentido, foi concebida uma exposição na qual, a partir de um eixo cronológico, são salientados os factos, bem como os documentos que consideramos mais significativos na vida desta Associação. Sendo uma exposição de longa duração, patente na sede da Associação desde Maio último, pretende ser um contributo para um melhor conhecimento da história da Corporação e, sobretudo, uma homenagem às centenas de homens e mulheres que, sendo ou tendo sido parte da Associação, contribuíram com o seu amor, dedicação e serviço, para que os Bombeiros Voluntários cumpram a sua verdadeira missão: Salvar!

Cristina dos Reis Prata,
Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela

Lúcio Pedro Rabão,
Técnico Profissional do Museu Municipal de Palmela

³ Entrevista de Manuel Mares, 73 anos, 1º Comandante do Quadro de Honra, a Cristina Prata/Lúcio Rabão, Museu Municipal, Abril, 2004.

Temos apresentado nesta rubrica documentos escritos que abordam aspectos da História do nosso concelho. Optamos, desta vez, por um documento diferente: um frontal de altar azulejar.

Damos a respeito desta peça algumas informações, contudo, muitas questões se nos colocam quando a observamos: quem mandou fazer e porquê este painel? Qual o seu autor? Quanto custou? Era a única representação iconográfica existente na Capela? A mais antiga? Em cada documento muitas questões se colocam ao investigador – fica o desafio.

Frontal de altar da Capela de S. Gonçalo* (Cabanas)



Datação: Século XVII (3º quartel)

Técnica: Majólica

Caracterização Estilística/Histórica: a reprodução de motivos têxteis na azulejaria portuguesa foi prática comum. Empregando diversos padrões e simulando texturas variadas, a sua forma de aplicação foi tão diversificada quanto as possibilidades arquitectónicas o permitiam.

Os frontais de altar são das mais curiosas

destas evocações, simulando em cerâmica os revestimentos que ornamentavam as aras das igrejas de então. A fragilidade destes tecidos e, muitas vezes, a impossibilidade de os adquirir, terão levado à passagem destes elementos para um suporte durável, fácil de limpar e reflector de luz.

O tema têxtil mais comum, para esse fim, eram as “chitas” provenientes da Índia, que dariam aos espaços uma forte nota de

* O presente artigo resulta da sistematização de dados por Zélia Sousa, Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela, a partir da informação técnica fornecida pelo Dr. Alexandre Pais - Museu Nacional do Azulejo / IPM e dados recolhidos no site <http://www.monumentos.pt>

exotismo. No caso da peça aqui representada alude-se a um brocado, tecido que já Francisco Niculoso utilizara como referência para uma série de peças, no início do século XVI, e das quais existe um exemplar exposto no Museu Nacional do Azulejo. Ainda que se conheçam alguns frontais imitando estes veludos requintados, a invulgaridade desta peça reside no facto do fundo surgir a branco, o que dá ao motivo um aspecto gráfico muito incomum.

Habitualmente, sob a simulação têxtil, surge, ao centro, um medalhão com a imagem do orago da igreja ou capela a que estas peças se destinavam, neste caso, São Gonçalo.

A Capela de S. Gonçalo

Pequeno templo de romaria datado provavelmente do século XVII, este imóvel fazia parte de um conjunto de quatro pequenas capelas mandadas edificar pelos Marqueses de Minas, antigos proprietários da Quinta da Torre.

Com planta hexagonal no corpo principal, apresenta uma galilé, circundada de um alpendre com cobertura sustentada por dois pilares e quatro colunas de fuste monolítico. O despojamento formal de elementos decorativos e linhas singelas, nas quais se destacam as cantarias dos vãos em pedra calcária bojardadas, torna-a formalmente similar a duas capelas existentes no país (S. Mamede,

em Janas, e S. Gregório, em Tomar).

No interior simples, o frontal de altar apresentava originalmente um revestimento azulejar policromo, em majólica, do 3º quartel do século XVII, ornado de motivos vegetalistas, acantiformes, com a representação central de São Gonçalo. Esta peça esteve, durante muitos anos, à guarda da paróquia de Azeitão – por motivo de segurança – e regressou à posse da paróquia da Quinta do Anjo em 1999.

No âmbito do processo que envolveu a classificação da Capela como Imóvel de Interesse Municipal¹, e em estreita colaboração com a paróquia da Quinta do Anjo, o Museu Municipal promoveu o estudo e o restauro do painel azulejar, operações especializadas acompanhadas directamente pelo Museu Nacional do Azulejo², que desde o início do processo manifestou disponibilidade para a acção.

De modo a preservar o frontal de altar foi executada réplica, colocada na Capela de S. Gonçalo, ficando o original depositado no Museu Municipal de Palmela.

Ainda no âmbito do processo de classificação da capela, a autarquia procedeu ao levantamento arquitectónico do edifício, consolidação do reboco e pintura, limpeza dos elementos pétreos, tratamento paisagístico da envolvente ao imóvel e instalação de sistema de alarme de detecção de incêndio e intrusão.



¹ Classificação pela Assembleia Municipal de 25 de Junho de 2002, de acordo com o exposto na alínea b), do ponto 2, do artº 20º, da Lei n.º 159/99 de 14 de Setembro.

² Dr. Alexandre Pais, Museu Nacional do Azulejo/ IPM

A não esquecer . . .



Comemorações dos 820 Anos do Foral de Palmela de 1185

2005 será marcado, a partir de 10 de Março, pelas comemorações dos 820 anos do foral de Palmela. Através da exploração dos 3 forais de Palmela - o de 1170, atribuído aos Mouros-Forros, o de fundação do concelho em 1185, e o de 1512, atribuído no âmbito da reforma de D. Manuel -, pretende-se que todas as escolas interessadas, e o público em geral, conheçam a vida municipal tendo por fontes os Forais que a regeram.

De Março - data do Foral de 1185 - a Novembro (mês da Restauração do Concelho em 1926), a efeméride será marcada por exposições, conferências e lançamento de edições sobre os Forais, o Património Histórico-Artístico do concelho e as relações entre Muçulmanos e Cristãos no período medieval.

Um dos meios que disponibilizaremos para garantir o contacto com os forais é um Dossier Pedagógico subordinado ao tema "O Poder Local no concelho de Palmela - dos forais à actualidade".

30 Anos de Abril no concelho de Palmela - uma exposição a ver

No quadro das comemorações sobre as 3 décadas da Revolução dos Cravos e das suas consequências a nível dos sistemas político, social e cultural locais, pretendem-se atingir 3 objectivos com a exposição patente até 8 de Maio, na Igreja de Santiago - Castelo de Palmela.

Um desafio para o Espaço de Reflexão:

A todos os grupos organizados que nos visitam - escolares - pedimos que tragam uma história ou um objecto que represente Valores subjacentes à Liberdade, Paz e Democracia.

(vide planta e programa da exposição no suplemento do **+museu 4**)



Palmela e a Ordem de Santiago no século XVI, Dissertações de Mestrado

Na sequência do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em História Medieval e do Renascimento / Turma de Ordens Militares, que decorreu em Palmela ao abrigo de um protocolo entre a Câmara Municipal e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foram defendidas em Dezembro último, as seguintes Dissertações de Mestrado:

- **Carlos Russo Santos**

*A Ordem de Santiago e o Papado
no Tempo de D. Jorge:
de Inocêncio VIII a Paulo III*

- **Cristina Paula Vinagre Alves**

*A propriedade da Ordem de Santiago
em Palmela.*

As Visitações de 1510 e 1534

- **Maria Isabel Oleiro Lucas**

*As Ermidas da Ordem de Santiago
nas Visitações de Palmela do séc. XVI*

- **Maria Regina Soares Bronze Ramos**

*As Igrejas de Palmela nas Visitações
do séc. XVI. Rituais e Manifestações
de Culto*



No âmbito do programa do 6º Curso sobre Ordens Militares, que decorreu em Palmela nos dias 3 e 4 de Fevereiro, estes trabalhos foram apresentados pelos referidos autores, na óptica das fontes históricas que lhes serviram de base – Visitações de Palmela no século XVI e bulas produzidas durante o mestrado de D. Jorge.

O 6º Curso, iniciativa do GEsOS, visou este ano dar a conhecer a riqueza dos principais fundos documentais das Ordens de Santiago, do Hospital e de Cristo e ainda outras fontes – régias, monásticas, episcopais, paroquiais, senhoriais, epigráficas –, que fornecem importante informação para o estudo das Ordens Militares em Portugal nos períodos medieval e moderno.

Contando com um vasto leque de especialistas, as sessões teóricas foram complementadas com uma visita guiada aos fundos das Ordens Militares na Torre do Tombo, em Lisboa.

Do programa constou ainda o lançamento das Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares, obra apresentada pelos Prof. Doutores Luís Adão da Fonseca e Fernanda Olival e patrocinada pela Presidência da República/Chancelaria das Ordens Honoríficas.

Edições em destaque



PRATA, Cristina e RABÃO, Lúcio Pedro
Missão Salvar: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Palmela 1937-2004

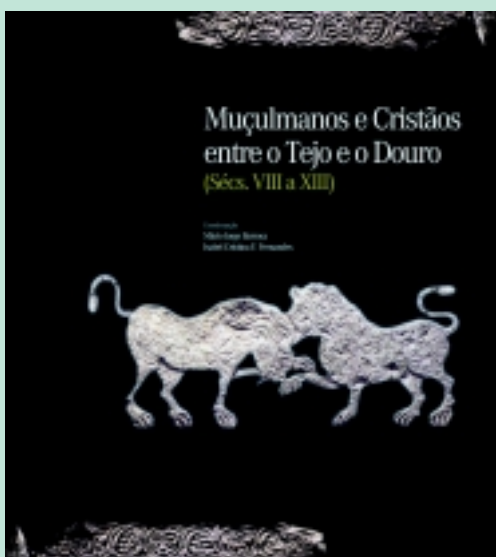
Palmela: Associação dos Bombeiros Voluntários de Palmela/Câmara Municipal de Palmela, 2004



FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira
(Coordenação de edição)

As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental. Actas do IV Encontro sobre Ordens Militares, Palmela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, 2005

O IV Encontro sobre OM, realizado em 2002, pela Câmara Municipal de Palmela, foi o mais alargado de sempre, congregando cinquenta investigadores nacionais e estrangeiros e abrindo-se a novas áreas temáticas, o que fica patenteado nestas actas.



BARROCA, Mário e FERNANDES Isabel Cristina (Coordenação de edição),

Actas do Seminário realizado em 2003, com sessões bipartidas entre Palmela e o Porto, numa organização conjunta entre a Câmara Municipal de Palmela e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Lançamento: 10 de Março, pelas 18h00, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Palmela, no âmbito da abertura das Comemorações dos 820 anos do Foral de Palmela de 1185

FUNDOS DOCUMENTAIS ESPECIALIZADOS PARA CONSULTA PÚBLICA, EM PALMELA

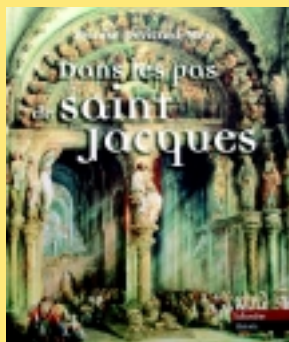
O enriquecimento dos Fundos Documentais especializados – GEsOS e Museu Municipal – faz-se através de permuta com outras entidades (por ex.: Câmaras Municipais, Universidades, Museus, Institutos, Centros de Documentação especializados), por aquisição ou integração por oferta dos autores ou editoras.

Podem ser consultados no Gabinete de Estudos e no Museu Municipal, de 2ª a 6ª feira, nos horários de abertura ao público dos respectivos serviços.



Novas aquisições

do Gabinete de Estudos sobre Ordem de Santiago (GEsOS)



- MORUJÃO, Isabel – **Contributos para uma bibliografia cronológica da literatura Monástica Feminina Portuguesa**. Lisboa: Universidade Católica, 1995
- PÉRICARD-MÉA, Denise – **Dans les pas de Saint Jacques**. Paris: Éditions Tallandier, 2001
- WILLIAMSON, Tom – **Shaping Medieval Landscapes: Settlement, Society, Environment**, s/l: Windgather Press, 2004

Novas aquisições

do Fundo Documental do Museu Municipal



- ALÇADA, Isabel e MAGALHÃES, Ana Maria – **A Longa História do Poder**. Lisboa: Edições Assembleia da República, 2003
- BOLAÑOS, María – **La memoria del mundo. Cien años de museología. 1900-2000**. Gijón: Ediciones Trea, 2002
- SPALDING, Julian – **The Poetic Museum. Reviving Historic Collections**. s/l: Prestel-Verlag, 2002

SITES A CONSULTAR

<http://www.monumentos.pt>

Site da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), no qual se tem acesso à base de dados **Inventário de Património Arquitectónico**. Se, em Pesquisa simples, escolher Distrito *Setúbal*, Concelho *Palmela*, descobrirá informação sobre diversos imóveis de Património Histórico Edificado do concelho de Palmela, com particular destaque para o trabalho realizado sobre o Centro Histórico da Vila sede de concelho.

<http://icom.museum.jim.html>

Site do Conselho Internacional dos Museus, página dedicada às comemorações anuais do Dia Internacional dos Museus – em cada ano há um tema, sugestões de trabalho, documentos acerca da temática...

2005 está sob o lema **Os Museus, pontes entre culturas**

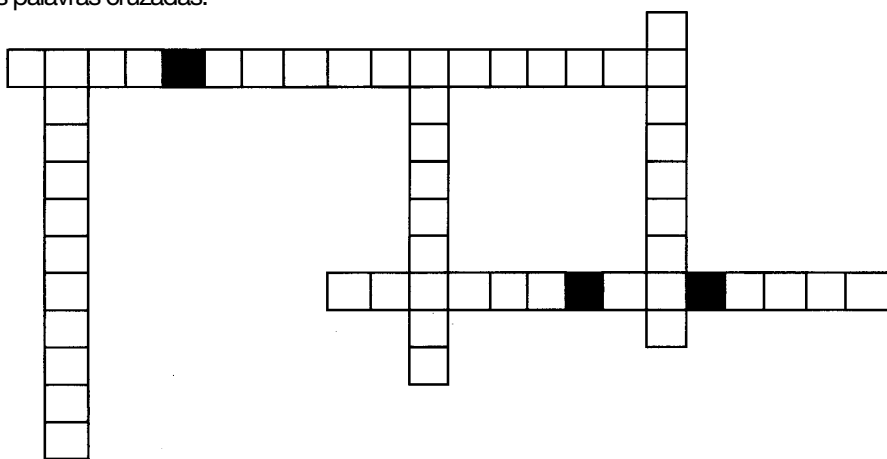
<http://portal.unesco.org/culture>

Site da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. A área *Cultura* é editada em francês, inglês e espanhol. Pode aceder a temáticas como Cultura e Desenvolvimento, Diálogo Intercultural, Diversidade Cultural, Património Mundial, Material e Imaterial, Indústrias Culturais, Direitos de Autor, entre outras.

CADA NÚMERO, UM JOGO

Cruzadas em Quinta do Anjo

A propósito da recriação histórica “Um Dia no Neolítico na Quinta do Anjo”, convidamos à resolução destas palavras cruzadas.



Neolítico período em que surgem algumas transformações e evoluções na vida das comunidades. Estas comunidades começam a praticar a agricultura, cultivando o cereal, desenvolvem a pastorícia e a criação de animais. Os animais eram utilizados para ajudarem na agricultura e no transporte dos alimentos, mas também serviam para alimentar as pessoas. Durante o Neolítico Final, os recipientes cerâmicos tornam-se mais perfeitos, mais especializados, e também, muito bonitos. Inicia-se a sedentarização.

Sepulcros (da Quinta do Anjo) os sepulcros eram escavados na rocha pelos homens importantes das tribos. Os sepulcros têm corredor de acesso, uma antecâmara e câmara com abertura superior (clarabóia). Estes sepulcros serviam para depositar os mortos e para homenagear os membros mais importantes da tribo. A cerimónia e as homenagens eram enriquecidas com a realização de rituais mágico-simbólicos. Este espaço funerário era muito importante para quem os fazia e para quem os utilizava.

Agricultura Domesticação de algumas espécies vegetais selvagens. Cultivo de cereais (cevada e trigo), de algumas leguminosas (lentilha, ervilha, fava) e a exploração do linho. O cultivo dos alimentos organizava-se segundo as estações do ano.

Cerâmica Os recipientes cerâmicos tornam-se mais variados e especializados. O oleiro moldava com os dedos alguns potes e vasos de maior dimensão (recipientes que serviam para transportar e armazenar os alimentos), taças e copos de diferentes tamanhos, para uso doméstico e funcional (realização de pesos de tear, usados na tecelagem e pesos de rede para a pesca) do dia a dia das tribos e outros recipientes mais bonitos e muito decorados para as cerimónias religiosas e simbólicas.

Quinta do Anjo uma das cinco freguesias do concelho de Palmela. Os Sepulcros Neolíticos da Quinta do Anjo localizam-se nesta freguesia e foram classificados como Monumento Nacional por Decreto - Lei de 5 de Abril de 1934. Proveniente destes Sepulcros existe uma tipologia de taça cerâmica campaniforme conhecida internacionalmente por “Taça Tipo Palmela”, com decoração a pontilhado e linear-pontilhado, com o lábio decorado. Podia incluir na sua gramática decorativa alguns cervídeos estilizados. O símbolo do Espaço Arqueológico do Núcleo Museológico do Castelo de Palmela foi inspirado num cervídeo apresentado numa Taça Tipo Palmela.

Índice

- 1** Editorial
- 2** Em destaque... Memórias do Habitar
- Arquitectura e Vivência Caramelas (1ª parte)
- 10** Património Local
A necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo:
breve resenha historiográfica
- 13** Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela
- Balanço do Ano Lectivo 2003/04
- 16** Nos Bastidores... Um projecto de Educação
para o Desenvolvimento - Palmela/S. Filipe:
Conhecer, Entender, Cooperar
- 18** Missão Salvar: Associação Humanitária
dos Bombeiros Voluntários de Palmela 1937-2004
- 21** Património Concelhio em documentos
- O frontal de altar azulejar da Capela de S. Gonçalo
- 23** A não esquecer...
 - Comemorações dos 820 Anos do Foral de Palmela de 1185
 - Exposição 30 Anos de Abril no concelho de Palmela
- 24** Palmela do Séc. XVI é tema de dissertações de Mestrado
- 25** Edições em destaque
- 26** Fundos documentais especializados
para consulta pública em Palmela
- 27** Sítios a consultar
Cada número, um jogo

Contactos:
Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338 180
Fax: 212 338 189
E-mail: pat.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela
Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal
Colaboram neste número: Alexandre Pais - Museu Nacional do Azulejo/IPM, Cristina Alves,
Cristina Prata, Lúcio Pedro Rabão, Maria Teresa Rosendo, Michelle Santos,
Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa
Design: *atelier* Paulo Curto
Fotografia: Adelino Chapa
Impressão: Armazém de Papéis do Sado
Código de Edição: 68/05 - 3 000 exemplares
ISBN: 927-8497-27-X
Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com os documentos
Museu Municipal de Palmela – Serviço Educativo/Programação 2004-05
Para descobrir a Exposição 30 Anos de Abril no concelho de Palmela